

A PLEBE

Redactor auxiliar: Pedro A. Motta

PERIÓDICO COMUNISTA-LIBERTARIO

Redactor-Gerente: Rodolpho Felipe

Redacção, administração e officina:
LADREIA DO CARMO, 3
Expeditente à noite

ASSINATURAS:
Anno 10\$000 Semestre 5\$000
Numero avulso \$100 Primitos: 19 exempl. 1\$000

Toda correspondência, cartas e registados devem ser endereçados a Caixa Postal 103, 4, S. Paulo - Brasil

Em plena procella reaccionaria Hoje, como ontem, rumo à revolução social

A perseguição sistemática de que a PLEBE é alvo constante, vítima permanente, motivo incessante constitui a violência mais inqualificável e injustificável que possa existir. Um simples quinzenario operário, redigido com toda a simplicidade, visando a educação moral, intelectual e revolucionária dos trabalhadores que vivem oprimidos e esmagados sob o peso de todas as oppresses e misérias imagináveis, como é este jornal a que dedicamos os nossos olhos e as nossas energias, é visto pelos governantes, levando todo o seu conteúdo com tanta raiva e hostilidade que não ha cidade que lhe não preparem, nem embarcaos que lhe não opponham para lhe dificultar a existência, para lhe restringir a influencia e para lhe limitar o raio de acção, o horizonte moral e educativo que possa abranger, adquirir e conquistar entre os trabalhadores escravizados e entre todos os homens de ideias levantadas e de boa vontade.

Não bastava o arbitrio dos correios não a deixando circular, impedindo a sua expansão, não a entregando aos seus destinatarios, inutilizando-a, queimando-a, vendendo-a talvez a peso, depois de lhe arrancar o selo da taxa postal, obstando a que os seus assignantes e sympathizantes tomassem contacto com os seus leitores, não com seu apoio moral e material a levar de vencida a obra sobre todas as benemeritas a que milhões de hoilibras de libertar, as consciencias de todos os desconhecidos que nos julgamos a miséria, a ignorancia, as superstições, grosserias, irracionalidades e tegradades.

Como, porém, apazár de tudo, iam nos vendendo a nossa tarefa, fomos todas as quinzenas desmascarando os trucis da politica, as ciladas das autoridades, as roubalheiras dos patrões, commentantes e indistinctos, a exploração de que são victimas as classes proletarias que vivem soffrendo e se afundam para engordar: toda a parasitagem politica, governamental, religiosa e quasi-queir: outras, resolveu a politica, que tudo mudou e tudo pôde neste litigio digno de melhor sorte, o de mais pobres destinos e administradores, apprehender o nosso jornal, a nossa modesta "A PLEBE", retirando-a das mãos dos seus leitores e da camarada que la despatcha na estação, detendo-o e encarcerando-o ainda por cima, como se fosse um grande crime, um delicto impardonavel ter um pensamento que racionalmente, possessor um ideal de plena liberdade e igualdade, e a favor de um jornal de realidade, propagando-o, espalhando-o, dessemelhando-o pelo exemplo, pela palavra, pela imprensa.

Os anarquistas no Brasil, estão sujeitos a um extremo do rigor como não ha em nenhum país do mundo. As publicações anarquistas circulam livremente em todos os correios do universo. Aqui, no contrario, livro, revista, jornal que não apelo, que não applauda os gestos dos governantes a não concorde com os luctuosos dos grandes exploradores, é levado ao indice postal, é condemnado a ser indigerado sem mais cerimonia. Todas as seitas politicas, e religiosas, todas as classes exploradoras tem as suas revistas, os seus centros, os seus orgãos onde aprovam e aconselham as suas tolceas, os seus elixiros, os seus cataplasmas mórdes ou outros. Aos anarquistas, porém, é vedado tal direito, era-se para elles uma situação unica, excepção, adoesma que não deve continuar, que não poderá perdurar indolentemente.

Se os anarquistas se esquecessem do ideal que defendem, se procurassem tirar partido do presente, esquecendo o futuro, enchendo seus esto-

magos e não se lembrando do estomago dos trabalhadores mis, famintos e estarrapados, certamente que se teria isso em conta, reconhecendo-se-lhes direitos de belligerancia. Ao contrario, nós atacamos toda a engrenagem presente como olhos fitos num futuro de igualdade, de fraternidade, de solidariedade. Os honros e madões actuaes, os exploradores e politicos do presente só nos merecem desprezo, desconsideração, só nos causam revolta, asco, nojo, visto engamarem os pobres para provelto pessoal, levando todo a ferro e fogo de preferencia a codor liberdades, melhorias, mais conforto e consideração ao povo que tudo produz e que vive a margem de toda a civilização como animal de carga, como besta de tiro que julgam elle ser.

Nestas condições, as nossas tentativas, o nosso esforço de escriptão, os nossos persistentes esforços para melhorar e transformar as mentalidades, a as sociedades, são tomados por crimes perversos, somos considerados como bandidos da pior especie e sobre nossas publicações cae o anatema da excommunição postal e policial, condemnando-as a tornar-se em cinza, terra e pó.

Ma o que prova isso? Simplesmente o poder de convencimento que nossos ideias tem. Elles são tao veridicos, tao claros e suggestivos que o povo ao seu contacto sentiu-se transfigurado e procura assimilos e realiz-os. Mas a gente do-alto não quer isso. Não consente em ser apodada seus indignos pedestaes. E ordena a destruição do nosso orgão por todos os meios.

Tentativa inutil, tarefa vã. Ideias não se combatem a espada por que são incorporeas e o aço das bayonetas ou das balas não as fura. Todos esses esforços reaccionarios darão resultados negativos.

Ma vários annos que nos debatesmos nossas apertadas contingencias, que nos vemos hostilizados, perseguidos, calunniados, foridos nos nossos interesses moraes e economicos. E temos instalado nos nossos propagaes, temos teimado nos nossos intuitos e esforços e, dentro de nossas possibilidades intellectuaes e economicas temos feito face á camaradagem, á deslealdade, á corrupção, á angustia, á e o que alicerça a morte sempre. Enquanto nos roste um soporo de vida, um atomo de energia, gritamos e gritaremos!

—ABAIXO A EXPLORAÇÃO BURGUEZA!

—VIVA A ANARQUIA!

Os bolchevistas nas eleições

Após tantas affirmações vagas, promessas incoherentes, manobras jesuiticas, manejos indecorosos, campanhas de descrédito contra nós anarquistas, o partido comunista brasileiro acaba de descobrir as suas baterias apresentando candidatos a proximas eleições federates, demonstrando com isso o mobil que o movta contra os anarquistas: a opposição que nós fazemos a toda a politica eleitoral e parlamentarista com qualquer mascarado que ella se apresente, seja qual for o effeito com que ella se pretenda ornar.

Esses ex-anarquistas que andaram chocando na sombra, em segredo, um programma no seu dizer "de realisações praticas" e que tem a petulancia imbecil de nós querom desaccréditar por que nós nos conservamos fieis ao

ideal de sempre, elles que tem a pretensão de se intitularem os "unicos revolucionarios" acabam de nos dar a medida de toda a sua ambição, de toda a sua acção de mando, de predomínio e de autoridade, revelando-se em toda a luz meridiana: estes que são, sem rebucos de nenhuma especie. As suas declarações primitivas, quando nos queriam arrastar na onda do seu partido, de que continuavam a ser "os anarquistas de sempre", acabam de ter confirmação estrondosa, não ha duvida.

Mas antes assim. Agora não poderão illuzar os ingenuos e os credulos.

Certamente que elles têm razão para abominar o anarquismo e os anarquistas: estes oppoem-se ás suas pretensões governamentais, eleitoralias, dictatorias. E semelhantes ambiciosos, no meio anarquista, constituam sem duvida um corpo estranho que era preciso afastar e extirpar. Esses não podiam seguramente fazer liga com anarquistas que prezidom os rigues do seu signal, considerando todos os homens livres e desobediendo estabelecer a igualdade entre toda a collectividade, sem predomínio e sem despotismo de quem quer que seja. Poram se formar partido a parte e estavam no seu direito. Agora, arretratos para a "sua politica" e que piou mais fine. Poram naturalmente os que tinham a mesma mentalidade. Os outros continuarão no seu posto.

O estouro da bolada

Pelos arrancaes do Partido Republicano Paulista vae um relgelo de todos os diabos. A tao fanada e festejada unidade de vistas e harmonia da orientação não passava de pura blague, de mentira refalsada, de affirmação despuadorada.

E a prova é a grita que se ouve serva pela "Secção Livros" dos jornaes, onde todos procuram longamente justificar seus actos e colonhestar suas attitudes, tanto os que estão de cima, os que servem, como os que foram feridos, os lançados ao ostracismo.

E uma tempestade num copo d'agua, concordamos plenamente. E se nos referimos ao caso é exclusivamente para demonstrarmos mais uma vez que esta sociedade burgueza que nos exploram desenfreadamente nem no momento pôde satisfazer aos appetitos de todos os seus ségueres e apanguidos. Os que conquistam os postos de commando nunca mais os querem largar nem o mão de deus padre, julgando-se vitallicamente, inamovivelmente refelados á mesa do ornaento. Fazem o que lhes mandam os seus nomeadores e comparsas, obedecendo a todas as ordens por irritantes e iniquas que sejam, agacham-se á todas as exigencias, submettem-se á todas as injunções, representam os mais vis, repropráveis, ridiculos ou odiosos papéis, calgam a liberdade, espelham ao povo, mandam ou consentem que se crucifiquem e espingardem a população mais po-

PELA "A PLEBE" SEMANAL

Durante este mez recebemos varias cartas expressando o sentir dos camaradas sobre a iniciativa da publicação semanal de "A Plebe".

Todos são concordes sobre a necessidade e urgencia que ha em tornar um facto tao util e empreendimento.

Nos, por nossa vez, ainda conservamos o mesmo entusiasmo e a mesma predisposição de tomar sobre os hombros a tarefa cheia de mil e umas difficuldades como essa, de todos os sabidos fazer ecoar por essas ruas a fora o verbo cadente da Anarchia.

Confessamos porém que se preferimos encontrar maior apoio que a iniciativa desperdesse maior interesse e que lograsse mais adherências e sobretudo que o auxilio de "caracter economico" a compilhaes de perto o apoio moral que "A Plebe" tem recebido dos camaradas esparsos por todo o país.

O nosso jornal não tem sido e não é uma publicação regional, assignantes e cooperadores encontram-se desde as remotas serraes até o extremo norte do lingoço Amazonas e Pará.

Esse facto faz nos ter confiança, dá-nos alento de continuarmos na obra empreendida; obra essa que não pode e não deve deixar de continuar o seu curso, progredir e não estagnar, marchar sempre rumo á revolução social.

Camaradas leitores: a verdade que a situação economica de todos é pessima; e verdade tambem que a publicação de um jornal como o nosso, hoje custa

muito dinheiro, o triplo do que custava ha 10 annos.

Mas tambem é verdade que a confiança e a fe animadora e vivificante arrefeceu na collectividade revolucionaria e consequente no combate á sociedade corrupta e vil, tyrannica e opressora que nos domina e explora.

Devemos reanimar as nossas energias, retemperar a nossa vontade, de batalha, de luta até ao embate final, até ao triumpho dos nossos ideias de fraternidade e equaldade humana.

Agora, mais do que nunca, a hora como sempre urge que todos os idealistas, que todos os companheiros de ideal e de luctas congreguem seus esforços para que a propaganda libertaria adquira um novo surto, tome de novo alento, vulto, vida, energia e actividade, que venha manifestar a indolencia, preguica e como o comodismo que invadida a maior parte dos camaradas e sympathizantes que já militaram nas luctas revolucionarias do país.

Para isso muito podera contribuir a publicação semanal de "A Plebe", vindo a ser o elo de ligação entre os camaradas a par de deira de combate contra a oppresão, a tyrannia e a exploração hoje imperante, o ao mesmo tempo, o archote luminoso a clarear as tenebrosas e sombrias machinaes engrandadas pelos inimigos da liberdade, preparando assim o caminho para o comunismo anarchico.

Camaradas e amigos: não percamos tempo.

Unamos os nossos esforços e as nossas economias para a "A Plebe" semanal. Sua camarada, a luta!

bre, mas, em troca querem ficar como grante, duros como uma rocha, destructura perpetuamente as inseguras adquiridas e obtidas á custa de balzeas e meo de remorsos de consciencia.

Os chegados do novo, porém, os moços, os filhos dalgo, como se dizia antigamente, aquelles que aspiram a furar, a trepar, a subir, a ser "alguem" dentro da engrenagem politico-administrativa do país, encontrando todos os logares occupados, vendo-se impossibilitados de brilhar, de assumir attitudes grandiloquentes, de concorrer com sua privilegiada intelligencia, com seu "rutilante talento" para a salvacao da patria e das batatas do deus barafustar contra os velhos raizinzas empoletrados nas altas posições, alicbades nos postos onde se pôde querer, mandar e se tem de ser obedecido por direito de conquista.

E aqui estoura a bolada. Os preteridos, os "escaçorçados" e abandonados procuram conservar suas posições e não se largam sem metterem a bocca no mundo, sem arregaçarem os dentes, sem fazer escandalo e escarear, dizendo cousas de arcaica velha dos antigos consocios e comparsas.

Pará nós, porém, todo esse ditido não passa de luta de competições, de disputa de logares,

polpudos entre politicos profissionais que se julgam com todos os direitos, mais onde a mesa e pequena para tantos convivas, onde a pensão é acanhada para tantos hospedes, dando logo motivo a rancores, a despeitos, a odios mais ou menos razoamente manifestados, mais ou menos habilmente contidos.

O povo nada lucra que seja. A ou B o deputado ou senador que lhe ha de forjar cadeias legislativas para o amarrar perpetua e solidamente ao poela da miseria, ao pequirinho da escravidão e da ignominia. Aos trabalhados pouco se lhes dá: que Fulano de tal dos annos carapica ou Sicrano tal dos esse e "eres seja o governante-mor do país.

Todos esses senhores, ainda que entre elles divergindo, estão de pleno accordo em considerar o povo um burro de carga com so direito a trabalhar e a ganhar em provelto de seus exploradores.

O que interessa, pois, ao povo é a dispensa dos tyrannos não a preferencia deste por aquelles. Já o disse o profundo L. Fontaine: "o nosso inimigo é o nosso amo; quer dizer, o nosso patão, o nosso governante, o nosso dono e senhor. Basta de quem manda e de quem obedece; Basta de Liberdade.

Continuando a série destes artigos, interrompida por excessivos afazeres nesta semana, vou tratar de um assumpto importante na controversia anarcho-bolchevista. Os ex-anarchistas russos dizem: "...achamos ser tempo dos anarcho-sindicalistas compreenderem que a ditadura proletaria é inevitavel".

Não ha duvida: apenas a linha se apagaria por "desapparecimento do anarchismo", fim previsto pelos comunistas. Sim; porque aceitar a ditadura do proletariado, tal como a delinearam e, peor, como a executam os bolchevistas, seria renunciar totalmente ás idéas anarchicas.

Logo, impossivel é "anarchistas" reconhecerem, tal principio. Elles deixariam, por isso mesmo, de o ser; seriam bolchevistas.

Mas, porque o não querem reconhecer os anarchistas? Não será essa ditadura "inevitavel"? Não o demonstrou isso a revolução russa?

Esse é o nó da questão. Será ou não a ditadura do proletariado, encabeçada por um partido politico, phase inevitavel na revolução mundial? Não foram os bolchevistas contrangidos a isso pela força das circunstancias?

Para responder fazíamos um pouco de historia. Num livro admiravel, cuja terceira edição franceza é de 1897, portanto, antecessor a guerra dos bolchevistas, e intitulado "Le Socialisme en danger", livro que todos os anarchistas devem ler e meditar, o camarada Domela Nieuwenhuis, nos fornece um quadro admiravel dos destinos e principios do marxismo na Alemanha, quadro antecipado, com a critica certa do bolchevismo actual e suas consequencias.

No capítulo III, estuda elle o "socialismo libertario" e o "socialismo autoritario", suas lutas e seus homems.

Diz elle: "O socialismo autoritario nasceu em Alemanha e lá se achou mais fortemente representado. Faz, todavia, escogia em todos os países. Poder-se-ia chamar: o socialismo allemão".

O socialismo libertario, mais conforme ás aspirações do espirito do povo francez, nos vem da França, para se "familiarizar nos países onde o espirito libertario mais se desenvolve. Tentou-se exportar o socialismo allemão no tronco do socialismo francez e ha delle mesmo uma secção em França, a qual, pois a copia exagera sempre o original, e ainda mais allemã que os proprios allemães. São os "marxistas" ou "quedistas".

Mas esse socialismo não se propaga; jamais em proporcões consideraveis entró o povo francez e qual, para assimilar o socialismo allemão, devoria alijar de si o espirito libertario. Ora, isso é impossivel, e por esse lado nenhum perigo — de temor. Os países onde a liberdade não é intimamente ignota — como se dá na Alemanha, paiz mal saído, e incompletamente do feudalismo — pendem antes para o socialismo francez. Tacs são a Inglaterra, os Paizes Baixos, a Italia, a Hespanha, ao passo que a Austria, a Suissa, a Dinamarca e a Belgica imitam antes o modelo allemão. Cumpro não tomarmos essa distincção de modo absoluto, porquanto existe, com effeito, uma corrente libertaria nos países autoritarios e inversamente. Não obstante, em suas linhas gerace, nossa distincção é exacta:

Esse socialismo autoritario é o socialismo "marxista", de onde saiu a social-democracia allemã, hoje na poder e, por linha obliqua, o "bolchevismo". O socialismo libertario é o socialismo "bakuninista" ou anarchismo.

Transcrevo para fechar este artigo as seguintes palavras caracteristicas de Bakunine: "A nação allemã possue muitas qualidades solidas que fazem della uma nação respeitabilissima: é laboriosa, economica, comportada, estudiosa, reflectida, sabia, grande negociadora e apaixonada pelo principio hierarchico ao mesmo tempo; dotada além disso de consideravel força de

expansão; os allemães pouco a forrados ao seu paiz, ou busca seus meios de existencia em toda a parte, e, como já observo, adoptam facilmente, sendo sempre, felizmente, os usos e costumes dos paizes estrangeiros que habitam. Mas, ao lado de tantas vantagens indiscutíveis falta-lhes uma: o amor da liberdade, o instincto da revolta. São o povo mais resignado e obediante do mundo. Demais, sem um grande defeito: é o espirito de acambramento, da absorção systematica e lenta, de dominação, o que faz delles neste momento o bretudo, a nação mais perigosa para a liberdade do mundo."

A social-democracia, forjada nesse meio, havia de trazer-lhe o cunho na acção e na constituição do partido. Veremos como.

JOSE OTTICIA

A investida policial contra os libertarios e A Plebe

Prisão de camaradas

O dr. B. de Mello que tem o bastão de commando de uma grande turma de agentes rafeiros e brutos, pretende soffocar as greves com a intrusão de seus breguins entre os grévistas, com o fim manifesto de espallar o terror entre os trabalhadores e com isso fazer com que voltassem ás fabricas e officinas, como fôra ao seu civil. Veido se, porém, impoente para reprimir o movimento grévista, a policia entendeu então de prestar os seus "valiosos trabalhos em pró do socego e da ordem publica", dirigindo as suas baterias contra os libertarios que prestam a sua actividade no campo das lutas proletarias.

No fim de sexta-feira, nem um só fabrico deixaram os agentes de farojar tudo o que se passava na nossa redacção.

Nesse dia, mais de que todos, era crime passível de prisão o facto de entrar na mesma.

Um camaradeiro que trabalha como correto de praça e reside no bairro do Braz, tendo á cidade; passando pela cadeia do Carmo, onde está internado "A Innoadora", não percebeu que a livraria estava fechada, e entrou logo corredio, quando deu com o nariz na porta. Saliu. Logo estaria elle de pensar que havia committido um crime; mas, ao chegar ao Alto da Ladeira, foi-lhe dada voz de prisão, e lá se foi o rapaz de embulção até ao posto da Rua 7 de Abril, onde commecou "selindro" durante 28 horas... por ter entrado na redacção de "A Plebe".

Como, na sexta-feira, era o dia em que devia estar prompta a "A Plebe", varios camaradas não sahirem do serviço, como de costume, pretendiam passar pela redacção, para retirar os seus pacotes de jornaes ou auxilios para a expedição. Mas assim que se aproximavam do local, eram detidos e transportados de auto para a Central de Policia e dali transportados para o 7 de Abril, onde foram postos entre os grades famigerado posto.

A mais, havia tambem o firme proposito do parte da policia em apprehender a edição do jornal. Mas, prevenido qualquei "brinquedinho de mão grossa", tomamos as necessarias precauções, podendo, nao, tantas a evitar que parte dos jornaes, fossem apprehendidos.

Um camarada que auxilia na expedição, quando em caminho para a estação, para fazer o despacho de varios encapados, com

exemplares destinados ao Rio, Petropolis, etc., foi detido por um agente, e esteve preso durante 3 dias e os jornaes que levava foram confiscados.

No sabbado, pela manhã, foi a vez da apprehensão do jornal, o dia do vendelore e sequendo de uma parte delles nas mãos do distribuidor.

O camaradeiro Felipe, como administrador do jornal, mais "gerente", de accordo com a lei de imprensa, foi ás redacções dos jornaes diarios levar o seu protesto e teve como resultado interromper os negocios sobre o mesmo.

Damos, a seguir, o que disseiram os jornaes sobre o facto, que se não tiveram outro merito, se não o meior de se recusarem a uma reclame gratuita no nosso jornal.

"A Folha da Noite" publicou a seguinte nota:

"PELO PROLETARIADO, Violencia contra um jornal proletario — A lei contra a imprensa urrida pelo Congresso Nacional e sancionada pelo presidente da Republica, apesar de rigorosissima, ainda parece deminidamente benigna para a policia do Rio de Janeiro. E assim que ella, não satisfeita com as restricções estabelecidas por esse decreto, cria novos processos de coacção, por contra propria, sem a menor preocupação de legalidade.

Ora, os trabalhadores de Sao Paulo tem o seu jornal. Esse proprio "tem" officinas proprias, traz no encabeço o nome do director e do gerente e todos os interessados sabem que a typographia e o escriptorio funcionam a Ladeira do Carmo, n. 3. No mais, a sua existencia está, no que nós foi ditto, inteiramente legalizada, porante a policia, a Prefeitura, etc., etc.

Mo entanto, qualquei movimento que se manifeste numa classe operaria, logo traz-mos consequencias para a "A Plebe".

Alindá hontem o empregado de suas officinas, que levava a remessa para o interior, foi preso, sendo apprehendido todos os exemplares que estavam em seu poder. Hoje, pela manhã, uma turma de secretas andava pelo largo do Theouro a apprehender o jornal, nas mãos dos "selndores".

O empregado que commettio o crime de levar ao correio uma remessa da jornal devidamente legalizado, continua preso. Não queremos discutir as pa-

lavras do orgão proletario. Acordamos mesmo que o governo tenha lá seus motivos para responsabilizar o Estado, nesse caso, para que não o papelario legitimo? Se dá uma lei rigorosissima para esses casos, com que direito se conta arbitrariamente a policia o papel do fazer calar a imprensa dos trabalhadores?

"O Panfulla", tambem publicou a nota que traduzimos: "Os factos que registramos sem commentar não se explicam sem attribuição a algum empregado zeloso. Anté-hontem, o empregado que remetia para o interior o jornal "A Plebe", foi preso e todos os exemplares do periodico foram apprehendidos; hontem, alguns guardas postados no largo do Theouro igualmente apprehendiam nos revendedores os exemplares do conhecido jornal operario.

Asseguramos que o mesmo está em perfeita regra com todas as leis de imprensa antigas e modernas, por isso, qualquei que seja a sua côr politica, tem o direito ao tratamento que é reservado a imprensa livre: não poderia, portanto, sem uma razão precisa e emanada das autoridades superiores, ser retirado da circulação."

Outros jornaes, entre os quaes "O Estado", "A Platéia" e "O Combate", tambem disseram alguma coisa sobre a apprehensão do nosso jornal.

Como se vê, o dr. Bandeira de Mello prestou um excellento trabalho de divulgação pela imprensa conservadora, da existencia desta capital, de um periodico que incommoda um pouco o somno dos mandões de S. Paulo, o que, em parte, vem reconpensar o soffrimento dos camaradas presos por motivos de sua actividade na propaganda.

O director do celebre gabinete de periodicos e investigadores dos trabalhadores, não pôde passar nem desta vez sem pretender desmoralizar alguns elementos libertarios. Assim, foi quem mandou publicar em todos os jornaes a prisão de "editores e falsarios" Nicolau Paradas, o que, no mesmo dia (3), seria extractado para o Rio, onde teria que prestar contas a policia carioca.

Mas, um só facto chega para desfazer essa informação venenosa e perversa. O camarada N. Paradas, não foi mandado para o Rio, e até já born em que escrevemos ainda está preso nos infectos calabouços da rua 7 de Abril.

E, para cumulo da perversidade e da tempera politica do dr. Bandeira de Mello, nem sequer ainda foi interrogado por nenhuma autoridade. Lá está o camarada Paradas, há 15 dias entre as grades de um posto policial, sem processo, sem culpa formada, sem culpa alguma, unicamente por não se ter apresentado no posto do juiz de fora de Botafogo.

Si houvesse de facto alguma moção séria e legal contra o Paradas, por que esperari o dr. Mello até hoje para prender aquelle militante? Que espera para o mandar para o Rio? Por que não, descurando-se dos jornaes "E do Heraldo Marcos" de que o accusam? Por que o tem preso? Qual o seu crime? O Arouca por que esteve 15 dias no calabouço?

Nos, desde já, aqui, respondemos: porque o dr. Bandeira de Mello e os outros absolutos dos homems que se dão ao luxo de ter idéas e propaganda. Até quando?

Durante os primeiros dias desta semana foram presos ainda varios camarades, entre os quaes o camarada José Pava, secretario do João Minero, tórculo, não grévista. Até a hora em que escrevemos nenhum dos presos mencionados tinham sido postos em liberdade.

Subscrição pro Carlos Dias

Na lista aberta em nossa redacção já subscriveram os seguintes camaradas: Pentead, 10\$; Pinho, 10\$; Felipe, Pava, Silva, Cordão e Leonardo, 5\$ cada um; Um amigo, 18\$; Lutz, 20\$; Evaristo, 20\$; G. F. 18\$; H. B. 20\$; Zuchiat, 18\$ e Anubia, 18\$; M. Haidib, 24\$; C. Pina, 63\$ e Monteiro, 18\$. Total 822.

A subscrição continua aberta, e para ella chamamos a attenção de todos os camaradas.

Trabalha para a publicação de "A Plebe" semanal

Jose Leandro da Silva foi absolvido

Finalmente, José Leandro submettido a jury, acaba de ser absolvido pelos tribunales do Rio de Janeiro.

Após 3 annos de encarceramento e de esforços reiterados dos trabalhadores organizados do paiz em levar-lhe conforto e em demonstrarem a sua innocencia no crime que lhe attribuiram, acaba por ser absolvido e posto em liberdade. É verdade que o promotor publico appellou da sentença absolvitoria, mas esperamos que a 2.a instancia ou quem de direito do caso, por terem sido muito justamente, se bem que fora de tempo.

Os trabalhadores organizados encheram completamente o tribunal e as immediacões, calculando-se em 15.000 o numero de operarios que deixaram o trabalho para assistirem no julgamento e debates, como tambem para confortarem moralmente o camarada José Leandro, que ha tanto tempo não tinha o prazer de se encontrar em meio aos seus amigos e companheiros de lutas de miseria e de sacrificios.

Com a sua libertação todos nós folgamos, esperando que fora das prisões continue elle a ser o camaradeiro lutador acerrimo, de sempre, dando combate persistente e continuo a todas as explorações politicas, economicas, religiosas ou quacquer outras.

Sabendo-se em liberdade, enviámos-lhe uma commovente saudade de solidariedade, assim como a todo o operariado do Rio de Janeiro que não poupará esforços nem fadigas para arrancal-o das grades das masmorras e entregal-o no convivio da familia, dos amigos e dos companheiros.

Em boletins electoraes o actual governo é classificado de "deopotá e do judas". Temos muitas razões para concordar com a classificação, fazendo-lhe a seguinte applicação: todos os sovornos são despinaes e judeos do povo que opprimem e exploram.

"A INNOVADORA"

LIVROS VARIOS A 8000
"O futuro da vida humana" de Max Müller.
"O futuro da vida humana" de Max Müller.
"O futuro da vida humana" de Max Müller.

LITTERATURA EM ITALIANO

A cinco mil reis o livro completo
"O Lombardo" de Umberto Eco.
"O Lombardo" de Umberto Eco.

A dois mil reis o volume

"O futuro da vida humana" de Max Müller.
"O futuro da vida humana" de Max Müller.
"O futuro da vida humana" de Max Müller.

Pela conquista de mais pão e liberdade

Em S. Paulo: a greve dos tecelões e as violências policiais.-Em Sorocaba: contra a fome e a escravidão.-Movimentos grevistas em Santos e no Rio.- Outras notas.

O movimento grevista da numerosa classe dos tecelões continua firme e coeso, malgrado a absoluta falta de liberdade que ha nesta capital para os trabalhadores se reunirem em comício e deliberarem a seu respeito, os tecelões, resistem positivamente ás negativas industriais em os attender.

Não podem delibellar collectivamente, mas reunem-se aos grupos, e esses grupos entendem-se entre si, publicam boletins dirigidos á classe, concitando-a á resistencia até á victoria.

Os industriais, por sua vez, tomam attitudes de intransigencia absoluta.

Os jornaes diarios, calam-se vergonhosamente sobre tudo que se está passando nesta capital, fingindo ignorar que cerca de 30 mil operarios estão em greve ha um mez, ou abrem suas columnas em defesa dos argentarios do tecido, insinuando ve-lhacamente que um operario te-lado ganha salarios superiores nos proprios escritorios desses jornal-es, e que as tecelãs percebem uma mezada «mais gorda» de que as professoras...

E, com isso, com semelhantes argumentos, procuram fazer crer que a classe agora em greve não tem razão de pedir augmento de salario. — Que miseráveis são esses plimbitivos — quando se improvisam em sociologos... a tanto por linha.

Para esses jornal-es, os proprios operarios arranjam seus cem réis por dia.

No principio desta semana em varias fabricas foram afixados boletins avisando nos seus operarios que a directoria resolveu fechar a fabrica por tempo indeterminado. Com a enunciação dessa ameaça cuidavam os industriales fazer com que os operarios lhes fossem implorar para que não fizessem tal cousa.

Mas, enganaram-se redondamente. Os tecelões se absteram de fazer lamuria, e firmaram o principio de se voltarem ao trabalho quando foram attendidos em suas reclamações.

A policia commette actos de selvageria contra o povo

Na segunda-feira, pelas 11 horas da manhã, era grande o numero de operarios, entre homens, mulheres e crianças, que estacionavam na avenida Celso Garcia, onde estão situadas varias fabricas de tecidos, entre as quaes a Estamparia Matarazzo, Blois e Jutta (Maria Zelia), com o fim de lerem um boletim afixado no portão de uma daquellas fabricas.

O que dizia o boletim não satisfazia em nada aos grevistas. O que se lhes offeria não era a satisfação, embora em parte, das suas reclamações, mas sim, um insulto e uma pro-fesa faces dos grevistas. Por isso, a grande maioria, para não dizerem unanimemente, julgaram que não devoriam voltar a movimentar os moentes de aço nos mesmas condições de escravos e famintos que eram antes. Passava no local uma atmosfera carregada de odios e imprecações contra a voracidade dos industriales e de repulsa ás tentativas de krum-lragem por algum misero farrapo humano que se prestava ao vil papel de traidor.

O pessoal da fabrica Maria Zelia, que, pela manhã, vergonhosamente havia retornado ao trabalho, estava, a essa hora na Avenida por ser hora de almoço.

A cavallaria cruzava as ruas em corridas desenfreadas. Os seccretas e os soldados de varios batalhões guardavam as entradas das fabricas.

Era uma multidão humana presa das mais fortes emoções pelo entrecru-zar-se dos interesses economicos e mo-raes.

Mas de repente, com a rapidez de um raio, a policia entra a espan-car barbaramente as pessoas em frente da fabrica Maria Zelia.

Mulheres e crianças, mocos e mo-ras, homens e velhos foram agredidos covardemente e violentamente e ehan-falho, a cacete e a pata de cavallo.

Foi uma scena horrivel! Gritos dilacerantes de mães, gemi-dos dolorosos de crianças e dos feridos misturavam-se com o tropel in-fornal da cavallaria sobre as pedras das ruas e cimento dos passios para confundir-se com o tinir dos ehan-falhos que batiam de encontro aos cor-pos dos desgraçados operarios que se viram envolvidos em tão torpedi-tado.

Estes não sangram, nem mesmo em legitima defesa, fazendo uso ao me-nos dos parralepipedos das ruas. O povo corria espavorido em to-das as direções, uns fugindo a sanha de sangue dos policiaes, outros em busca dos feridos.

Depois foi ordenada mais uma car-ga de cavallaria sobre a multidão que, tomado de panico foge, e na correria caem e vertiginosa derruba crianças que encontrava pela sua frente, crianças estas que em segui-da eram pisadas pelos demais fugiti-vos.

Depois de serenados os animos isto é, depois de ter ficado limpa a avenida, de trabalhadores, chegou a ambulancia para recolher os numero-sos feridos, que se encontravam tombados pelo chão, entre os quaes, varias mulheres.

Nós não protestamos contra esse acto de requintada selvageria, pois, se tal fizessemos seria perdemos o tempo.

Todos os jornal-es proclamam dia-riamente calma, calma aos trabalha-dores e estes caltam e estupidamente apañam como cães rados, são en-carcerados, maltratados e até ehan-falados como, na segunda-feira, sem um gesto de repulsa e de revolta con-tra tantas provocações da policia que nos opprimo, que esmagam todas as li-berdades com a sua noção truculenta e provocante contra os trabalhado-res.

Isto não póde continuar assim. O povo deve enfrentar a reacção poli-cial, deve lutar o defender-se dos ata-ques brutales e criminosos de que é victimas.

Para conquistar mais pão e liber-dade, é mister defender a propria vida.

Uma touzavel' incliattea

A União dos Artifices em Calçados em sua ultima assembleia occupou-se longamente sobre a greve dos tecelões, tendo, por fim resolvido lançar um apello á todas as pessoas de boas sentimen-tos para que, com o prolongar-se da luta dos tecelões, os filhos destes não venham soffrer privações em consequencia da greve.

Nesse sentido fez uma larga distribuição de um manifesto no qual esclarece e defende a sua nobre iniciativa.

Chamamos a attenção dos camaradas sobre o mesmo, o qual passamos a transcrever:

«Companheiros! — Diante da situação em que se encontram os operarios textis de S. Paulo, em

greve ha mais de um mez, sem serem attendidos pelos patrões, os quaes agora resolveram fechar as fabricas indefinidamente, visto os operarios não retomarem o trabalho nas condições anteriores e, ante a attitude da policia que acutia de um modo selvagem os trabalhadores pacíficos como aconteceu no Belemzinho, nas fabricas Blois e na Maria Zelia, os sapateiros de S. Paulo entendem intervir dum modo conclusente e positivo, prestando-se a tomar conta das crianças dos operarios em greve, enquanto esta durar, dando amparo aos filhos dos grevistas, para que os paes possam esperar mais confiadamente a solução dos problemas pendentes: augmento de salario e manutenção das 8 horas de trabalho.

Mas, os sapateiros não querem monopolisar essa iniciativa, tor-nando-a sua exclusivamente, e enten-dem mesmo que todas as outras classes de trabalhadores, mesmo para lhe dar um verdadeiro caract-er de solidariedade e uma verdadeira amplitude moral, de confraternização adherir a este movimento, de auxilio ás crian-çinhas, os futuros trabalhadores, decedindo-se a solicitar as crianças que cada um possa manter e agasalhar em sua casa, dos operarios textis, cujas condições economicas sejam mais precarias.

Na Europa, esta forma de soli-dariedade tem dado os melho-res e mais satisfactorios resulta-dos e agora chegou a oportuni-dade de ser ensaiada aqui neste S. Paulo de exploração e da violencia.

Po entanto, esperamos que todos, um momento de ternura e de afeição pelas crianças significadas á ganancia dos patrões ins-ciaciaveis accorram á este apello a favor dos innocentes bam-binos, assim como dos operarios tecelões em mais difficis condi-ções economicas, o gesto de nos confiar seus filhos livrando os des-se modo das agurias da fome, podendo os paes resistir por mais tempo e mais tempo esperar que justiça lhes seja feita.

Todos, tecelões e outros traba-lhadores, devem procurar a nos-sa secretaria, á rua Barão do Paranapiacaba, 4, sala 8, para tu-do que respeito a este assumpto.

Viva a solidariedade das classes trabalhadoras!

S. Paulo, Fevereiro de 1924.
— A União dos Artifices em Calçados de S. Paulo.

EM SOROCABA

Contra a fome e a escravidão

Lemos na «Secção Trabalhista» do «A Patria», do Rio, um manifesto publicado em Sorocaba, por um grupo de chefes de familia, no qual analysa a triste e miseravel vida do povo dessa localidade, tanto no ponto de vista economico, como moral.

Por absoluta falta de espaço não publicamos na integra, mas estrahimo-lhes alguns topicos:

«A nossa liberdade de cida-dãos e de homens, foi reduzida a nada. As autoridades nenhum direito nos concedem, enquanto nós sobrearrregam de deveres. Para podermos alugar os nossos braços aos industriales, temos que nos sujeitar a ser catalogados e matriculados na policia como si esta fosse uma repartição de um presidio de trabalhos forçados. Isso é vergonhoso para nós, os factores e produtores de toda riqueza social.

Povo de Sorocaba! Trabalha-dores; assim não devemos contin-uar; nesse estado de cousas não podemos viver; dessa forma seremos fatalmente arrastados á escravidão mais ignominiosa, ao deprauperismo physico e moral. Não podemos viver sem pão, sem liberdade e sem lar».

E' e mesmo mal estar e mis-eria que atormenta as familias traba-lhadoras de todo o país. E para as vezes autoridades policiaes tudo isso não passa de «manejos de agitadores profissio-nes» e toca a encarcerar hon-estos trabalhadores só por que propgam os ideaes libertarios. Ao que sabemos o nosso cama-rada Abilio Sbrana foi preso. Por que? Por ser anarchista!

EM SANTOS

Greve dos operarios em C. Civil a nu accção de carga da Inglesa

Lemos nos jornal-es que os ope-rarios que trabalhavam nas cons-truções de tres ou quatro enge-nheiros, declararam-se em gré-ve, por não terem sido attendidos no pedido de augmento de salario. Fala-se tambem na eventualidade de uma greve geral da classe com rannificações em ou-tras industrias.

No dia 12, os operarios que trabalham na secção de carga da companhia Inglesa, deixaram de comparecer ao serviço, tendo ficado completamente pa-ralyzando o transporte de carga para esta capital.

Varios militantes das Unioes Operarias locais foram perseguidos pela policia que, como a daqui, pretende debelar o mal, es-tar economico do povo, prenden-do e encarcerando os elementos mais activos do proletariado.

NO RIO

A greve dos sapateiros-calyceas

A ultima hora recebemos uma carta do Rio, participando-nos que os industriales em calçados ameaçam fechar suas fabricas como represalia ao movimento grevista declarado pelos ope-rarios em quatro classes.

Tudo faz esperar que a luta entre a Alliança e os industriales será renhida e longa.

Os sapateiros de S. Paulo de-vem preparar-se para, se tanto for necessario, prestarem a sua solidariedade aos seus collegas cariocas.

Os maus pastores

O padre da villa da Fabrica «Maria Zelia», andou de casa em casa de suas ovelhas, accon-selhando-as a voltarem ao rebat-tilho do senhor... da fabrica. Alguns operarios consultou nos si isso é ser ministro de Deus ou embaixador dos industriales. Nós respondemos:



— Atiraí dos hombros o da consciencia esse fardo inutil que vos embrutece o organa.

União dos Trabalhadores Graphicos

A commemoração do annu- versario do grande movi- mento pró salario minimo

A numerosa classe dos traba-lhadores do livro commemou no dia 7 de corrente, o primeiro anniversario do inicio do grande movimento que a classe susten-tou no anno passado, durante 42 dias de lutas e sacrificios para a conquista do salario minimo.

Na tarde do dia 7 foi realiza-do um grande comício de classe, no salão Celso Garcia, durante o qual foram pronunciados inu-meros discursos e dissertações so-bre o movimento maximo da classe graphica de S. Paulo (que graças a consciencia despertada entre os operarios dessa indus-tria e da solidariedade moral e economica das outras classes), alcançou a completa satisfação dos direitos que então reclamava.

O salão esteve repletissimo de operarios e operarias que de-monstraram com isso interesse-se para com os destinos da U. T. G.

Quasi a totalidade das officinas paralyzaram o trabalho nesse dia.

Na noite do mesmo dia foi inaugurada a nova sede social sita á rua Veneciana, 172, 18.

No sabbado 19, realizou-se um animado festival.

Sobre a pratica da Liberdade

A um bolchevista que perguntava a Malatesta como defendia a Revolução, querendo dizer com isso que só com a ditadura se poderiam manter as conquistas adquiridas, Malatesta respondeu com o seguinte artigo:

«O amigo Busecemi diz em substancia que após ter-se feito a revolução—revolução emancipadora, claro, e não simplesmente mudança de opressores,—é preciso ainda defendê-la contra as possíveis tentativas de reacção.

E quem poderia pensar diferentemente? Mas toda a questão consiste em saber «como» a revolução pôde ser defendida.

A revolução que nós queremos arrancar o poder e as riquezas aos detentores actuaes e porá a terra, as ferramentas do trabalho e todos os bens existentes á disposição dos trabalhadores, quer dizer de todos, porque «todos» devem «tomar-se» trabalhadores. E para defender esta revolução, será preciso que os revolucionarios venham que nenhum individuo, nenhum partido, nenhuma classe possa achar os meios de constituir um governo e restabelecer o privilegio economico em favor de novos ou antigos patrões.

Busecemi entende defender a revolução dando a alguns o poder de limitar a liberdade dos outros; elle não enxerga que isso levaria a matar a revolução mesma, porque os que tem o poder querem conservá-lo, e têm necessidade para isso de criar por favores e privilegios uma classe interessada na permanencia de seu predomínio e de focar pela força toda a opposição perigosa.

Neste terreno não ha na verdade meio de nos entendermos. Na verdade, creio que Busecemi imagina a população nitidamente dividida em elites, em reprovados, e em... outros, em outros termos, em revolucionarios a que de bom grado deixaria completa liberdade, em accionarios aos quaes faria sentir um punho de ferro e em inconscientes aos quaes administraria a liberdade pelo systema de conta-gottas.

E, naturalmente, se áquelles que elle considera revolucionarios estivessem no poder, tudo, seguindo elle, iria ás mil maravilhas. Mas as cousas não são tão simples.

Quem são os verdadeiros revolucionarios? E quantos, advencionarios do privilegio sómente porque elles não são os privilegiados, estão promptos a renegar a revolução se podem arrebatá-las os privilegios para elles?

Todo o individuo que se interessa pelos negocios publicos acha quem o considere como revolucionario e quem ao contrario o tome por contra-revolucionario. Esses «conscientes» classificam como inconscientes todos os que sem serem seus adversarios activos não pensam como elles. Assim Leninic é para mim um contra-revolucionario, e para elle certamente o contra-revolucionario sou eu.

Nós julgamos inconsciente a massa catholica; os catholicos tem-nos por típicos do inferno. E' outro?

Davemos, pois, após ter derubado o poder actual — poder politico e economico — procurar massacrar-nos e encarcerar-nos uns nos outros? Não seria mais pratico — mesmo deixando de lado a questão moral — a mais importante—não seria mais pratico respeitar a liberdade de todos e oppôr-nos a quem quizesse violá-la a liberdade alheia?

Busecemi quereria a liberdade, verdadeira em pequena dose, nos calices. Mas quem seria o destruidor, o fornecedor?

Mussolini, «Benito», que faz

hoje o nosso regosijo? Não, certamente, elle já está demasiado comprometido e quando cahir, tombará completamente e para sempre. Mas Mussolini ha-os á centenas e aos milhares é todos dispostos a afivelar todas as mascararas imaginaveis para que seus instinctos de dominio ou mesmo muito simplesmente baixos gozos materiaes possam ser satisfeitos. Qual é o criterio para uma escolha?

E, depois, quem escolheria? Seria preciso aceitar o dominio do primeiro que tivesse conseguido tomar o poder e fornecer-lhe os meios de nelle se firmar e reduzir á impotencia todos os reaccionarios.

Não, para defender e salvar a revolução, só existe um meio: levá-la ás suas ultimas consequências.

Enquanto um homem poder obrigar um outro a trabalhar para elle, enquanto que um individuo poder violentar a liberdade de dum seu semelhante pela força ou pela fome, tomando o pela garganta ou pelo ventre, a revolução não estará terminada, nos estaremos ainda em estado de legitima defesa e contra a violencia que opprime approvaremos a violencia que liberta.

Temeis que a burguezia despojada assolde os inconscientes para restaurar a ordem abtada? Expropriae-a dum modo completo e vereis que sem soldos ninquem se assoldará.

Temeis a reacção militar? Arruaí a população. Ponde a na posse real de todos os bens, de modo que cada um tenha que defender a sua propria liberdade e suas possibilidades de bem-estar e vereis se os generaes em veia de aventuras acharão quem os siga.

Mas se acontecer que um povo armado, de posse da terra, das fabricas, de todas as riquezas, fosse incapaz de se defender e se deixasse de novo submeter no jugo, isso significaria que esse povo era ainda inapto para a liberdade, e a revolução teria fracassado.

A' possível incapacidade popular, não se remedeja pondo-se a gente no logar dos oppressores derrubados. Sómente a liberdade e a luta pela liberdade podem ser escola de liberdade. Mas, direis vós, para iniciar e acabar uma revolução, é preciso uma força armada e organizada. E quem o duvida? Mas esta força armada (ou melhor as multiplicas organizações armadas dos revolucionarios) fará obra revolucionaria se serve a libertar o povo e a impedir toda a constituição de governo autoritario. Ao contrario, será instrumento de reacção e destruirá a sua propria obra se ella quizer servir a impôr um typo dado de organização social, o programma especial dum partido qualquer.

ERRICO MALATESTA

ACTUALIDADE

E' do conspicio, ponderado e conservador «Diario Popular», desta capital, do dia 2 do corrente, a que vae ler-se, opinião insuspeita, o que abaixo transcrevi vemos:

«MOVIMENTO OPERARIO — Os effeitos da vida cara já cebo a surgir na nossa capital sob a forma de grèves pacificas. Vae por poucos dias denunciavamos nestas columnas o rumor impaciente que se levantava das classes proletarias, intoleravelmente premidas pela carestia de todos os generos de primeira necessidade. A desorganização financeira do país descobria-se logicamente

em todas as suas consequências. Como antes de tudo ellas symptomatiza uma crise de ordem moral, a expansão do flagello tem que atingir, depois das classes produtoras, o publico e denso da população finalmente, as classes operarias, que são as mais leoadas e as mais desprovidas de recursos para resistir.

O abandono do trabalho nas fabricas é a natural conclusão de um largo periodo de privaçoes.

Um operariado ordeiro e pacifico como o de S. Paulo não arresta a perspectiva de uma greve, senão quando obrigado pelas circumstancias.

Ora, a situação dos trabalhadores paulistas que se declararam em greve não é nada li-soujeira e o mais rudimentar espirito de justiça não pôde furtar-se ao reconhecimento desta verdade.

Em presença da carestia geral de todos os generos indispensaveis á vida, torna-se extremamente precaria a situação dos salarizados. Subordinados em grande parte a uma remuneração muito modesta, já não lhes sobram recursos para uma aquisição razoavel de generos alimenticios e para o pagamento dos alugueis de casa em alta incessante.

O encarceramento das virtualhas já affectava de maneira sensivel a bolsa do pequeno trabalhador, e ferindo-o na qualidade e quantidade da sua alimentação redunda, em ultima analyse, num prejuizo á sua saúde e do seu bem-estar.

Em gente sabria, affeita á luta e habituada a economias, o mal in-se suportando em silencio, e as aggravado pela alta medida e impiedosos dos alugueis, leva as condições do trabalhador a extremos de penuria absolutamente insupportaveis.

Depois de outras considerações, continua:

«Num país de abundantes recursos — é uma crueldade e uma irrisão assistirmos a esse espectáculo de misérias.

E' verdade que se estabelecem compensações. A especulação edifica tranquilamente as suas fortunas sobre esses soffrimentos e conta com a força para repimbr os protestos que se tomarem importunos aos seus ouvidos.»

E assim continua:

«A queixa contra a carestia da vida é que motivou o movimento paredista. Não podemos mais aguentar — dizem-nos a alguns operarios — subiu demasiado o preço dos alimentos e ainda augmentaram os nossos alugueis. Todos as casas que circundam esta fabrica, mostrou-nos um delles, foram augmentadas de uma só vez, de 70 para 100 mil réis mensaes; algumas para 110. As maiores passaram de 150 para 200 mil réis, num unico mez. E quem ver, senhores, as cartas de fiança que somos obrigados a assignar? Exhibiu-nos um documento, erigido de condições draconianas, sujeitando o locador ao pagamento de todas as despesas sanitarias, de todas as reparações, de todas as indemnizações possíveis e imaginaveis.

E olhem, acrescentou, é para quem quizer, ou senão... olho da rua.

Magníficos effeitos da Lei L. Lanthropica do Inquilinato...»

Em certas fabricas foram as mulheres que tomaram a iniciativa. Reclamaram augmento e como não fossem attendidas, ar-rastaram os homens.»

NENO VASCO—«A concepção Anarchista do Syndicalismo» — 20000

Romeu Toni

Em uma fazenda, no municipio de Araraquara, onde residia, falleceu no dia 26 do mez pasado, esse velho camarada que desde 1881 vinha lutando contra todas as tyrannias e propagando uma medida de suas forças o ideal libertario.

O extinto tomara parte nos movimentos revolucionarios que tiveram lugar na Italia, em 89, sendo encarcerado com mais companheiros em Termi, onde residia, durante varios mezes.

Em 1910 tomou parte saliente na grande greve de colonos que hoje na fazenda Guataparã, tendo que refugiar-se nesta capital. Como todos os rebeldes, teve amigos e inimigos; foi admirado e estimado por uns, e vilipendiado e combatido por outros até á morte.

A' sua familia os nossos sentimentos de pezoancas.

Subscrição pró viuva e filha de Ricardo Cipolla

Relação das listas do União dos Artífices em Calçados, das quaes foi recebido algum dinheiro em conta, mas que não foram saldados totalmente e nem devidos:

Lista no 6, a cargo de Luiz Panepino, n.º 33, Pasqual Galdi; 45, Batista Capardo; 56, Atilio Pasquato; 65, José Gomes, ex-secretario de «A Internacional». Esta não só não salda esta lista, como também ficou com o producto das listas abertas pela sua associação. Os garçons que tomam nota dessa fact; 75, Jacintho Palhares.

Listas não devolvidas: n.º 41, Emilio Fazzetti; 49, Mario Rodrigues; 55, Miguel Giordano; 63, Vicente Cozenza; 72, Francisco Accardi.

Essas «companheiras» são convidadas a fazerem a devolução das listas em seu poder, mesmo em branco.

A nova Commissão Executiva da União dos Empregados em Cafés, communicou-nos que já tomou todas as providencias no sentido de, por todo este mez, preparar o balancete do festival a que nos referimos no numero anterior, e entregar o saldo que se verifiquear.

O NOSSO BALANCETE

ENTRADAS:		
Saldo do numero anterior	121800	
Listas de Pitanguellas	125000	
Contribuição do G. A. de A. do Porto	276000	
Itens	250000	
Lista de Bello Horizonte	495000	
Saldo Paulo-Varios	107200	
Pacoteiros do Interior	107200	
Monativo da União, Artes, Officinas e Anexos, de Santos	200000	
Saldo liquido do festival realizado em 6 de Janeiro de 1921	1600000	
Saldo liquido da Tombola pró «A Plebe»	250000	
semanal	2106000	
DESPZAS:		
Fellera e typographia des n.º 221 e 228	610000	
Despachos	280000	
Sollos para expedição do interior, este	300000	
riter e correspondencia	1000000	
negocio do jornal	131000	
Una telephoneica	150000	
Aluguel da Caixa	150000	
Carregador e barbanç	180000	
Aluguel da sala	500000	
Total		5570000
CONFRONTO		
Entradas	2106000	
Despzas	5570000	
Saldo		1218000

Munições para «A Plebe»

LISTA DE PITANGUEIRAS — J. Mantovani, 54; Drudi, 58; S. Drudi, 58. Total 166.

LISTA DE CONTRIBUIÇÃO do G. L. A. de «A Plebe», de Fortaleza: Mathias, 108; Moraes, 24; Jucá, 38; p. Ramos, 24; e venda avulsa, 108. Total 272.

LISTA DE BELLO HORIZONTE — A. Mathews, 108; J. Rodrigues, 58; J. Patriolo, 58 e Egydio, 58. Total 58.

S. PAULO (Varios) — Mattos, 18; Carlos, 4800; Mario, 18; Cordão, 4800; Firmico, 18; Galati, 18; Ermegildo, 3500; Aroca, 18; L. N., 24; M. Castro, 38; F. Romero, 58; V. Lilla, 58; Moreno, 5800; venda avulsa na festa, 3800; um amigo do jornal, 108; Laif, 18; Docero, 18; Dina, 18. Total 49800. PACOTEIROS DO INTERIOR: Cen-

tro Operario de Lagoado, 218; venda avulsa no festival dos Cantinhos, Santos, 14700; Grupo Amigos de «A Plebe», de Curitiba, 208; E. Cabral, de Curitiba, 108; Dália O. da O. O. Villi, Recife, 108; M. Trindade, Victoria, 58; T. T. T. Rio Preto, 108; N. Nunes, de Glycerio, 348 e como donativo, 108; F. G. G. S. Maria, 108; Centro Operario de Victoria, 108; e J. Campos, 18; Sacola affectada na Ali. Art. e Proletaria, durante a conferencia de Motta, 10800; pagamento de 3 pacotes pela Alliança, 38; Total 167800.

Centro Libertario Terra Livre

Balancete do festival realizado no dia 5 de Janeiro, no salão da Federação Espanhola

ENTRADAS		
408 ingressos vendidos e recebidos a 18	408000	
DESPZAS		
Alugel do salão	80000	
Casa Theatral e Dama	105000	
Refrescos para a orchestra e amadores	375000	
Fellera dos Ingressos	205000	
Total		2425000

RESUAMIO

Entradas	408000
Despzas	2425000
Saldo	1600500

Faltam receber 25 Ingressos. Os dados illustrativos das entradas e despzas podem ser examinados na Innovadora.

Tombola pró «A Plebe», semanal

Quadro demonstrativo do resultado liquido da Tombola extractada em 31 de dezembro de 1921 pró «A Plebe» semanal

Bilhetes vendidos	750
Bilhetes encalhados	110
Bilhetes a receber	184
1.000	

Temos, pois, um resultado liquido de 736000.

Os companheiros que ainda não prestaram contas dos bilhetes, são convidados a fazel-o, pois, que ao contrario tornaremos publico os seus nomes.

As iniciativas de propaganda não devem servir aos interesses pessoais.

As idéas vão abrindo caminho

Que uma atmosfera propicia ás nossas idéas se vae formando, que um ambiente de liberdade economica, moral e intellectual se está criando e estabelecendo nos espiritos, é uma cousa provada e imnegavel, tão evidentes são os indicios, os signaes e as provas categoricas desse phenomeno.

«A Plebe», jornal anarchista, tem visto seus modestos artigos transcriptos por jornaes republicanos e até catholicos, não occurtando a procedencia dos mesmos. E se registramos o facto, não é por vaidade lisonjeira, não, é unicamente para mostrar que até os partidos que nos são oppositos precisam falar a nossa linguagem, aproveitar-se das nossas theoricas, espalhar os nossos ensinamentos, aconselhar as nossas aspirações, imbuir-se, sem o perceberem ou perceberem, do espirito critico e do criterio mental do anarchismo para serem lidos e ecutados pelos trabalhadores a quem se dirigem.

Elles não o fazem certamente com o intuito de favorecer as nossas idéas. Muito pelo contrario. Mas como o progresso se faz muitas vezes por linhas tortas, desde que as massas estejam mais ou menos impregnadas de aspirações libertarias, quando chegue a hora da liquidação social burguezia, já o caminho estará um pouco aplanado!